

Fayga Ostrower

Artes plásticas

Expedição Gullar

*Nesta incursão pelo terreno da crítica,
o poeta monta um amplo painel da arte
contemporânea - do cubismo ao neoconcretismo*

Picasso, Braque, Gris, Leger, cubismo, futurismo, construtivismo, suprematismo, Mondrian, Bauhaus, concretismo e neoconcretismo no Brasil — agora que estamos nos aproximando da última década do século já é possível ter uma visão retrospectiva, na qual certos movimentos se destacariam pela ampliação da linguagem e dos conteúdos artísticos — ampliando com isso nossa consciência diante da vida —, enquanto outros ocupariam um lugar apenas histórico nos desdobramentos estilísticos que ocorreram no século XX.

Mas não é a visão retrospectiva que encontramos no livro de Ferreira Gullar *Etapas da arte contemporânea — do cubismo ao neoconcretismo* (a não ser como referência didática). Ao contrário, a visão é imediata, analisando, muitas vezes, obras que estavam sendo criadas naquele momento, pois o texto compõe-se de uma série de artigos publicados no suplemento dominical do *Jornal do Brasil*, entre 1959 e 1960, em meio, portanto, as próprias lutas e controvérsias suscitadas pela apresentação das obras de arte. Não há a menor dúvida que esses artigos exigem a forma de livro, não só por seu nível de inteligência generosa e sua clareza de exposição, mas, sobretudo, pelo fato de continuarem inteiramente atuais e pertinentes ao nosso próprio fazer artístico, hoje. Poucos críticos de arte no mundo inteiro aguentariam ser ressuscitados depois de um quarto de século, mas aqui se revela a presença de um pensador e poeta, além de historiador, em cuja visão de vida

se filtram os fenômenos da arte para serem novamente relacionados e ganharem um significado maior e mais geral. Daí sua atualidade. Os vários movimentos artísticos — de tendência geométrica — do século XX são apresentados e discutidos de modo altamente didático (a exposição de cada artista ou movimento é acompanhada por um currículo e uma síntese dos eventos mais significativos).

Partimos com os cubistas, que descobriram seus novos caminhos na obra da maturidade de Cézanne, dela selecionando certos aspectos estruturais: na configuração dos objetos que seria aproximada a formas geométricas — cubos, cilindros, cones — ou na superposição de pequenos planos para sugerir a profundidade do espaço, ou, ainda, nas seqüências rítmicas de linhas. Constituem caminhos de crescente abstração, ainda que os cubistas nunca rompessem inteiramente com a figura. Passamos por Mondrian, pelos movimentos geométricos a surgirem simultaneamente na Holanda e na Rússia — os neoplásticos, construtivistas, suprematistas. Em seguida, pela Bauhaus e seus ensinamentos, para finalmente chegarmos aos artistas brasileiros concretistas e neoconcretistas. Nessa altura, a análise torna-se tanto divulgação quanto debate. Gullar compara as proposições dos diversos mo-

vimentos, conceitua e analisa o conteúdo de suas obras — e tem muito a dizer. Muito de importantíssimo.

Por exemplo, o problema da Gestalt (relacionamento entre totalidades e suas partes; na conhecida definição enunciada por Max Wertheimer (1880-1943) — "a totalidade é mais do que a soma de suas partes" — deve-se compreender que o mais significa qualidade e não quantidade; quer dizer, a totalidade não é apenas a soma de suas partes, é, sim, a integração das partes). Quando analisa a profunda influência que Max Bill tivera sobre os movimentos concretos, Gullar frisa muito bem que, na arte, a "boa forma" não resulta necessariamente da redução a aspectos essenciais geométricos ou as mínimas formas estruturais (ouçam, minimalistas de hoje!), e, sim, ela precisa adequar-se aos seus conteúdos expressivos. Pois a "boa forma", é, antes de mais nada, significativa. Corresponde, ao vivenciar da realidade sempre complexo e de múltiplos níveis de significado. De fato, se um artista como Holbein conseguia compor seus desenhos com uma única linha de contorno, Rubens, por sua vez, necessitava 100 linhas ou mais. Nem por isso seria um artista menor.

Não se podia prever, em 1960, um dos graves problemas expressivos que encon-

tramos na arte de nossos dias. Refiro-me ao fato da abordagem artística vir a intelectualizar-se a ponto não só de perder qualquer sinal de afetividade que motivasse o fazer artístico como, mais, perder também a sensualidade da própria linguagem visual. Embora Gullar formule seus receipts (P. 244/245), ao advertir que nem a apreensão de formas artísticas nem tampouco os processos de percepção em si seriam redutíveis a um mero registro de estímulos externos, ele ainda acredita (acreditou) que o movimento neoconcreto brasileiro escapasse ileso do perigo da super-racionalização e mecanização dos ritmos sem um conseqüente esvaziamento de conteúdos expressivos. Cabe frisar, no entanto, que os eventos que marcaram os 25 anos que se seguiram aos artigos, não envolvem somente a arte. Envolvem a cultura, questão bem mais abrangente. Vamos a arte inserida num contexto cultural que, em escala crescente, veio a considerar a mente humana como consistindo apenas do intelecto, assim como sabor se resumiria apenas a informações quantitativas, números, mecanismos, sistemas, a serem apreendidos intelectualmente. Nossas vivências, nossa afetividade, nossos compromissos éticos praticamente não existem para a cultura enquanto formas de conhecimento da realidade humana.

São questões apaixonantes de nossa vida. Mas vejo que já estou me debatendo com o texto. Melhor sinal de sua vivacidade e continuada validade não poderia existir.

Fayga Ostrower é artista plástica e educadora, autora, entre outros livros, de *Criatividade e processos de criação* (Ed. Vozes, Petrópolis, 1976).

EM VANT
Autentica e

Um projeto irradiador de cultura